



O mobiliário brasileiro é incorporado à proposta do Entre, que valoriza autoria, materialidade e a relação entre arte e arquitetura

cidade de transformar o espaço em algo além de uma academia ou um spa convencional. O mobiliário deveria contribuir para a sensação de acolhimento e estabelecer uma relação mais sensorial com o usuário. “Queríamos elementos que trouxessem conforto, identidade e uma conexão sensorial com a natureza”, explica Lisi.

Madeiras certificadas, pedras naturais e fibras vegetais formam uma paleta de materiais que procura aproximar arquitetura e natureza. Nesse conjunto, os móveis funcionam como elementos de ligação. A madeira

Com peças históricas e criações contemporâneas, o Restaurante Aroma transforma o mobiliário em parte da narrativa de memória e identidade

Fotos: Edgard Cesar



acrescenta calor, as pedras conferem sensação de permanência e as fibras introduzem leveza e textura.

A funcionalidade, nesse caso, precisa acompanhar a proposta de bem-estar. Como o espaço recebe atividades diferentes, as peças devem responder ao uso cotidiano sem abandonar o conforto. Para Lisi, o equilíbrio está justamente nessa combinação: “A estética não é tratada como algo separado da função; ela nasce justamente da combinação entre uso, conforto, proporção e materialidade.”

Memória que permanece no mobiliário

No restaurante Aroma, assinado por Rômulo Carvalho, do Studio Roque Arquitetura, o mobiliário ganha ainda

outra dimensão: a de preservar e reativar memórias. O espaço foi concebido a partir de referências à ancestralidade, à cultura negra e à mesa como lugar de encontro. Madeira escura, inox, superfícies texturizadas e obras de artistas negros ajudam a construir essa narrativa.

Parte desse contexto está nas poltronas do antigo Hotel Nacional de Brasília, incorporadas ao ambiente. Com cerca de 65 anos, as peças de Jorge Zalsupin carregam consigo parte da história do edifício e da própria cidade. Para Rômulo, trazer esses móveis para a mostra significou recuperar uma memória concreta.

A referência ao design brasileiro ganha, ainda, um significado particular no projeto, que é uma homenagem aos avós do arquiteto, de origem negra e indígena. Nesse contexto, os móveis deixam de ser apenas componentes visuais e passam a participar da narrativa de pertencimento construída pelo ambiente. “O design brasileiro, nesse caso, pela minha escolha, foi primordial, não tinha como não ser”, afirma.

Entre peças contemporâneas, criações autorais e móveis que atravessaram décadas, os ambientes mostram diferentes possibilidades de interpretar o design produzido no país e, especialmente, em Brasília. Para os profissionais, a relação entre mobiliário e arquitetura não termina na estética. As peças podem estabelecer vínculos com o território, recuperar lembranças ou criar novas experiências.

A variedade de propostas também evidencia que valorizar o design brasileiro não significa seguir uma única estética. Há formas geométricas, materiais naturais, linhas contemporâneas, referências históricas e soluções voltadas ao conforto. Em comum, permanece a intenção de criar peças com autoria e significado, capazes de dialogar com o lugar onde estão inseridas.

*Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte



Mesas autorais em quartzito ganham destaque no espaço Alma Brasileira, onde matéria, ergonomia e estética se encontram